

SALA SENSORIAL “ESPAÇO VIVER AS DIFERENÇAS”: RELATO DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE SENSIBILIZAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

**“EXPERIENCING DIFFERENCES” SENSORY ROOM: A REPORT ON A
PEDAGOGICAL PRACTICE FOR RAISING AWARENESS ABOUT INCLUSIVE
EDUCATION**

Ciências Humanas • 27/08/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/787796717](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/787796717)

Daiana Maciel Chagas¹
Luciana da Silva Ferreira Alves²
Eliane da Silva Lacerda Lima³
Adriana Paganotto Souza⁴
Valmir Macedo de Moraes⁵
Giuliane Nogueira Resende Côrtes de Oliveira⁶
Alcione Rodrigues Ribeiro Silva⁷
Samira Assis da Rocha⁸
Ana Cristina Lima Duarte⁹
Anna Clara Torres Santos¹⁰
Liliane Rosa Nogueira¹¹
Adriana de Medeiros Marcolano¹²
Estelina Sebastiana Paulina dos Santos¹³

RESUMO

Este relato de experiência apresenta uma prática pedagógica desenvolvida durante a Semana de Sensibilização e Defesa da Educação Inclusiva, no âmbito do Atendimento Educacional Especializado (AEE), em uma escola pública da rede estadual de ensino. A proposta teve como objetivo promover reflexões sobre educação inclusiva, acessibilidade, respeito às diferenças e valorização da diversidade, envolvendo estudantes do ensino regular, profissionais da escola e estudantes público-alvo da Educação Especial. A metodologia foi organizada a partir da criação da Sala Sensorial “Espaço Viver as Diferenças”, estruturada em diferentes estações pedagógicas relacionadas à deficiência visual, à comunicação em Libras, ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), à deficiência intelectual e às relações étnico-raciais. As atividades foram planejadas como experiências educativas destinadas a favorecer a reflexão sobre algumas barreiras relacionadas à acessibilidade, à comunicação, à participação e às condições de aprendizagem, sem pretender reproduzir integralmente as experiências vivenciadas pelas pessoas com deficiência. Também foi realizada uma exposição de produções dos estudantes do AEE, seguida de um mural coletivo para registro das percepções dos participantes. Os resultados observados indicaram participação ativa, interesse e envolvimento dos estudantes, além de manifestações relacionadas ao respeito, à empatia, à acessibilidade e à necessidade de combater atitudes preconceituosas. Destacou-se, ainda, o protagonismo dos estudantes do AEE na apresentação das produções e na mediação das atividades. A experiência evidenciou o potencial de práticas pedagógicas participativas e de baixo custo para favorecer o diálogo sobre inclusão e contribuir para a construção de uma cultura escolar mais acolhedora, democrática e inclusiva.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Atendimento Educacional Especializado; Acessibilidade; Sensibilização; Protagonismo estudantil.

ABSTRACT

This experience report presents a pedagogical practice developed during the Week of Awareness and Advocacy for Inclusive Education, within the scope of Specialized Educational Assistance (AEE), in a public school in the state education system. The proposal aimed to promote reflection on inclusive education, accessibility, respect for differences, and appreciation of diversity, involving students from mainstream education, school professionals, and students who are the target audience of Special Education. The methodology was organized around the creation of the Sensory Room “Living Differences Space,” structured into different educational stations addressing visual impairment, communication through Brazilian Sign Language (Libras), Autism Spectrum Disorder (ASD), intellectual disability, and ethnic-racial relations. The activities were planned as educational experiences intended to encourage reflection on certain barriers related to accessibility, communication, participation, and learning conditions, without intending to fully reproduce the experiences of people with disabilities. An exhibition of the AEE students’ productions was also held, followed by a collective mural for participants to record their perceptions. The observed results indicated active participation, interest, and engagement among the students, as well as reflections related to respect, empathy, accessibility, and the need to combat prejudice and discriminatory attitudes. The protagonism of AEE students in presenting their productions and mediating the activities was also noteworthy. The experience demonstrated the potential of participatory and low-cost pedagogical practices to promote

dialogue about inclusion and contribute to the development of a more welcoming, democratic, and inclusive school culture.

Keywords: Inclusive Education; Specialized Educational Assistance; Accessibility; Awareness; Student Protagonism.

1. INTRODUÇÃO

A presente experiência teve como objetivo promover reflexões sobre educação inclusiva, acessibilidade e respeito às diferenças por meio de vivências pedagógicas, experiências interativas e da participação ativa dos estudantes do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Buscou-se também sensibilizar os estudantes para a existência de barreiras que podem dificultar a participação das pessoas com deficiência; promover reflexões sobre acessibilidade e inclusão no cotidiano escolar; estimular atitudes de respeito, empatia e convivência democrática; valorizar a diversidade e contribuir para o enfrentamento do preconceito e da discriminação; fortalecer o protagonismo e a participação dos estudantes do AEE; ampliar conhecimentos relacionados às diferentes formas de comunicação, aprendizagem e participação; e promover reflexões sobre diversidade étnico-racial, equidade e direitos humanos

A educação inclusiva pressupõe mais do que a presença dos estudantes no espaço escolar. Envolve a garantia de condições de participação, aprendizagem, convivência, acessibilidade e respeito às singularidades de cada sujeito. Nesse sentido, a escola constitui um espaço privilegiado para o desenvolvimento de ações pedagógicas que favoreçam a convivência com a diversidade e contribuam para a superação de preconceitos e barreiras que podem limitar a participação dos estudantes. Embora a escola desenvolva ações voltadas à inclusão, observava-se a necessidade de ampliar os

espaços de diálogo sobre as diferenças, especialmente no que se refere à compreensão das especificidades dos estudantes, às barreiras de acessibilidade e à construção de relações pautadas pelo respeito. Situações de desconhecimento e manifestações de preconceito, ainda que nem sempre explícitas, indicaram a importância de desenvolver ações intencionais de sensibilização junto à comunidade escolar.

Foi nesse contexto que surgiu a proposta da **Sala Sensorial “Espaço Viver as Diferenças”**, realizada durante a Semana de Sensibilização e Defesa da Educação Inclusiva, no período de 22 a 26 de junho de 2026. A proposta buscou criar situações pedagógicas que possibilitassem aos participantes refletir sobre diferentes barreiras relacionadas à comunicação, à acessibilidade, à participação e às condições de aprendizagem. A ação também procurou valorizar os estudantes do AEE como sujeitos participantes do processo educativo. Além de terem suas produções expostas, esses estudantes participaram da organização e da mediação das atividades, atuando como orientadores e guias dos participantes em diferentes momentos da experiência.

A iniciativa fundamentou-se na compreensão de que a construção de uma escola inclusiva depende da transformação das práticas, das relações e das condições oferecidas no ambiente educacional. Conforme Mantoan (2003), a inclusão escolar implica mudanças na organização da escola e nas práticas pedagógicas para que todos possam participar e aprender. Além disso, a proposta esteve articulada aos princípios estabelecidos pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), pela Base Nacional

Comum Curricular (BNCC) e pela legislação relacionada à valorização da diversidade étnico-racial.

2. METODOLOGIA

A prática aqui relatada foi desenvolvida em uma escola pública da rede estadual de ensino, que atende estudantes provenientes de diferentes contextos socioculturais e econômicos e possui, entre seu público, estudantes público-alvo da Educação Especial. A ação foi planejada e desenvolvida pela equipe do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da escola, em articulação com os demais profissionais envolvidos na proposta. Nesse contexto, o AEE desempenha papel importante na articulação de estratégias e recursos que favoreçam a participação e a aprendizagem dos estudantes, contribuindo também para o desenvolvimento de ações pedagógicas voltadas à inclusão, à acessibilidade e à valorização da diversidade.

A experiência foi desenvolvida durante a Semana de Sensibilização e Defesa da Educação Inclusiva, entre os dias 22 e 26 de junho de 2026. A organização envolveu planejamento prévio das atividades, elaboração de cronograma, preparação dos ambientes, seleção dos materiais e definição das estratégias de mediação.

A proposta foi organizada em estações pedagógicas, utilizando materiais acessíveis e recursos de baixo custo, como vendas, abafadores de som, objetos com diferentes texturas, recursos visuais, materiais em Braille, livros, jogos, recursos de autorregulação e materiais relacionados à Libras. A organização dos espaços teve como finalidade favorecer experiências educativas que

possibilitassem aos participantes refletir sobre diferentes barreiras relacionadas à acessibilidade, à comunicação e à participação.

É importante destacar que as atividades não tiveram como objetivo reproduzir ou representar integralmente aquilo que uma pessoa com deficiência vivencia em seu cotidiano. As experiências foram utilizadas como estratégias pedagógicas para criar pontos de partida para o diálogo e a reflexão sobre algumas barreiras presentes em diferentes contextos sociais e escolares.

A Sala Sensorial foi organizada em cinco momentos principais: deficiência visual; deficiência auditiva e comunicação em Libras; TEA e deficiência intelectual; exposição das produções dos estudantes do AEE; e registro das percepções dos participantes.

2.1. Estação 1 – Deficiência Visual: “Sinta Sem Ver”

Na primeira estação, os participantes foram convidados a realizar atividades utilizando vendas, com acompanhamento e orientação dos responsáveis pela mediação. Foram disponibilizados materiais com diferentes texturas, objetos para exploração tátil, livros em Braille, alfabeto em Braille e um poema produzido em Braille por um estudante do AEE.

A atividade também possibilitou a apresentação de recursos utilizados no processo de leitura e escrita de pessoas cegas, como a máquina de escrever em Braille e a reglete.

A proposta buscou ampliar a compreensão dos participantes sobre formas de acesso à informação que não dependem exclusivamente da visão, valorizando recursos de acessibilidade e diferentes possibilidades de interação com o ambiente.

Essa abordagem dialoga com Amiralian (1997), que discute a deficiência visual considerando as possibilidades de desenvolvimento e a importância dos recursos mediadores para a construção da autonomia.

Figura 01. Estação de deficiência visual: bancada sensorial, poema em Braille e objetos para exploração tátil



Fonte: Acervo dos autores.

2.2. Estação 2 – Deficiência Auditiva: “O Silêncio Também Fala”

A segunda estação foi direcionada à reflexão sobre comunicação e acessibilidade para pessoas surdas. Os participantes foram recepcionados pelo professor de Libras e tiveram contato com situações comunicativas mediadas pela Língua Brasileira de Sinais.

Foram utilizados abafadores de som como recurso para favorecer a atenção dos participantes às formas visuais de comunicação. Em seguida, foram apresentados sinais básicos em Libras, orientações e um pequeno trecho de vídeo sem áudio. Os participantes receberam uma prancheta com questões objetivas e deveriam

registrar suas respostas a partir das orientações apresentadas em Libras. Após a atividade, houve um momento de diálogo para que compartilhassem suas percepções e dificuldades. Também foram apresentados materiais pedagógicos utilizados no processo de inclusão de estudantes surdos, como dicionários de Libras e atividades adaptadas.

A atividade buscou evidenciar que a acessibilidade comunicacional é fundamental para a participação das pessoas surdas e que a Libras constitui importante recurso de comunicação e interação. Essa perspectiva está relacionada às contribuições de Quadros (2004), que apresenta a Libras como uma língua com estrutura própria e papel fundamental na comunicação e na participação social das pessoas surdas.

Figura 02. Estação de comunicação em Libras



Fonte: Acervo dos autores.

2.3. Estação 3 – TEA e Deficiência Intelectual: “Um Mundo de Muitos Estímulos e Diferentes Ritmos”

A terceira estação abordou aspectos relacionados ao Transtorno do Espectro Autista e à deficiência intelectual, com foco nas diferentes formas de perceber, interagir e aprender.

Inicialmente, foi realizada uma atividade envolvendo múltiplos estímulos sonoros e visuais. Os participantes foram informados previamente sobre a proposta e convidados a refletir sobre como ambientes com excesso de estímulos podem representar barreiras para algumas pessoas. A atividade foi utilizada como ponto de partida para discutir a importância de ambientes organizados, previsíveis e acessíveis, considerando que pessoas com TEA podem apresentar diferentes formas de processamento sensorial. Silva, Jurdi e Pereira (2025) destacam que alterações no processamento sensorial podem estar presentes em pessoas com TEA e interferir em aspectos relacionados à participação e às atividades realizadas no cotidiano. Após a atividade, foi realizada uma conversa coletiva sobre as sensações percebidas e sobre a diversidade existente dentro do espectro autista. Destacou-se que nenhuma experiência pontual é capaz de representar a vivência de todas as pessoas com TEA, uma vez que o espectro apresenta grande diversidade de características e necessidades. Essa compreensão aproxima-se da perspectiva de Wing (1996), ao considerar o autismo como um espectro marcado por diferentes formas de manifestação.

Figura 03. Ambiente com estímulos intensos (luzes e barulhos), representando a sobrecarga sensorial.



Fonte: Acervo dos autores.

Na segunda parte da estação, foram apresentados recursos relacionados ao processo de aprendizagem e autorregulação, incluindo alfabeto fônico, painel de autorregulação com recursos visuais e táteis e jogos pedagógicos. Os participantes também realizaram atividades com tempo limitado e diferentes níveis de mediação.

A intenção foi favorecer a reflexão sobre como o tempo disponível, a organização das tarefas e os apoios oferecidos podem interferir na participação e no desempenho. Ao final, o professor responsável conduziu uma discussão sobre a importância da flexibilização das estratégias pedagógicas e da oferta de apoios adequados às necessidades dos estudantes. Essa compreensão aproxima-se da perspectiva de Vygotsky (1997), para quem o desenvolvimento humano está relacionado às interações sociais e às mediações presentes no processo educativo.

Figura 04. Painel de autorregulação e jogos complexos



Fonte: Acervo dos autores.

2.4. Estação 4 – Exposição das Produções dos Estudantes do AEE

Na quarta etapa, os participantes visitaram uma exposição de trabalhos produzidos pelos estudantes do AEE, com destaque para a diversidade cultural, as relações étnico-raciais e o combate ao preconceito. Um aspecto significativo dessa etapa foi a participação dos próprios estudantes do AEE na apresentação das produções. Eles compartilharam com os demais participantes informações sobre os trabalhos realizados, assumindo uma posição ativa no processo educativo.

A exposição contou com releituras de personagens em telas artísticas, fotografias dos estudantes, produções inspiradas na estética de Romero Britto, painéis de barro confeccionados em biscuit, móveis com personalidades negras, colagens tridimensionais, jornais temáticos, cartazes, objetos confeccionados pelos estudantes e produções de arte mista. Também foram apresentados trabalhos acompanhados de pesquisas e informações relacionadas às desigualdades raciais presentes na sociedade, favorecendo discussões sobre identidade, diversidade,

reconhecimento histórico e respeito. A identificação da autoria dos trabalhos pelos próprios estudantes contribuiu para valorizar suas produções, capacidades e participação na vida escolar.

Figura 05. Espaço de exposição de trabalhos sobre diversidade e cultura afro-brasileira



Fonte: Acervo dos autores.

2.5. Estação 5 – Registro das Percepções dos Participantes

Ao final do percurso, os participantes foram convidados a registrar suas percepções em post-its a partir da pergunta norteadora: **“O que você sentiu?”**. As respostas foram organizadas em um mural coletivo, constituindo um registro qualitativo das impressões produzidas ao longo das atividades.

A estratégia possibilitou que os estudantes expressassem sentimentos, dificuldades, descobertas e reflexões, favorecendo um momento de síntese coletiva da experiência.

Figura 06. Espaço de registro de percepção dos estudantes.



Fonte: Acervo dos autores

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos registros realizados durante a experiência evidenciou participação ativa dos estudantes e envolvimento nas diferentes atividades propostas. As manifestações registradas no mural e os depoimentos coletados demonstraram que a experiência favoreceu discussões relacionadas à acessibilidade, ao respeito às diferenças, à empatia e à convivência. Entre os registros encontrados, destacaram-se manifestações como:

“Foi difícil, mas fez com que nos colocássemos no lugar do outro e tivéssemos empatia.” (Aluno 1, 2026)

“Minha reação foi de choque. É muito difícil passar por isso. Vou respeitar ainda mais o espaço deles.” (Aluno 2, 2026)

“Meio desconfortável pelo barulho e pelas luzes, mas foi muito interessante a experiência.” (Aluno 3, 2026)

“Eu gostei. Foi diferente e bom. Eu gostei de Libras.” (Aluno 4, 2026)

“É muito difícil viver em uma sociedade com pouca inclusão, mas não irei desistir!” (Aluno 5, 2026)

“Foi uma experiência para sermos compreensivos uns com os outros.” (Aluno 6, 2026)

Os registros indicam que as atividades não se limitaram à realização das tarefas propostas, mas favoreceram a construção de questionamentos sobre as condições de participação das pessoas com deficiência. Também foram observadas manifestações relacionadas à necessidade de respeito e à compreensão das diferenças. Alguns estudantes demonstraram surpresa diante das dificuldades apresentadas nas atividades e reconheceram a importância de atitudes mais inclusivas no cotidiano escolar.

Nesse sentido, a experiência aproxima-se da compreensão de Mantoan (2003), segundo a qual a inclusão escolar exige mudanças nas práticas e nas relações estabelecidas no espaço educativo. Outro

resultado relevante foi o protagonismo dos estudantes do AEE. Ao participarem da apresentação dos trabalhos e da condução das atividades, esses estudantes ocuparam uma posição de autoria e participação, contribuindo diretamente para a aprendizagem dos demais colegas.

Esse aspecto é particularmente significativo porque permite deslocar a percepção sobre os estudantes público-alvo da Educação Especial de uma posição exclusivamente relacionada às suas necessidades para uma perspectiva que também reconhece suas capacidades, conhecimentos, produções e contribuições para a comunidade escolar. O relato de um estudante do AEE sintetiza essa percepção:

“Está sendo muito bom, porque as pessoas conseguem entender melhor o nosso mundo. Não só a deficiência visual, mas também as outras deficiências. Além disso, podem perceber que nós também temos potencial, inclusive nos nossos trabalhos.” (Aluno do AEE, 2026)

Os depoimentos dos profissionais também indicaram uma avaliação positiva da experiência. Um professor participante destacou a importância de ações dessa natureza para ampliar a compreensão sobre a Educação Especial e ressaltou o potencial da proposta para envolver também as famílias e outros membros da comunidade (Professor 1, 2026). Outro profissional relatou que os estudantes demonstraram envolvimento e passaram a refletir sobre suas atitudes diante dos colegas com deficiência e outras necessidades específicas (Professor 2, 2026).

Do ponto de vista pedagógico, o diferencial da experiência esteve na articulação entre informação, interação, produção dos estudantes e reflexão coletiva. Em vez de apresentar a inclusão apenas de forma expositiva, a proposta criou situações que possibilitaram aos participantes observar recursos, experimentar estratégias de comunicação, conhecer produções dos estudantes do AEE e discutir as barreiras presentes em diferentes situações.

A experiência também permitiu integrar a temática da educação inclusiva às relações étnico-raciais, ampliando a compreensão de diversidade e equidade no ambiente escolar. Essa articulação possibilitou trabalhar diferentes formas de preconceito e discriminação dentro de uma perspectiva de valorização da diversidade humana.

Entretanto, a análise da prática também permite reconhecer uma limitação importante: experiências pontuais não reproduzem a complexidade das vivências das pessoas com deficiência. Por esse motivo, as atividades devem ser compreendidas como estratégias de sensibilização e reflexão, e não como representações completas da experiência da deficiência.

Assim, o principal resultado da proposta não esteve na tentativa de fazer com que os participantes “sentissem o que é ter uma deficiência”, mas na criação de oportunidades para que refletissem sobre barreiras, acessibilidade, comunicação, participação, atitudes e condições que podem favorecer ou dificultar a inclusão.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida durante a Semana de Sensibilização e Defesa da Educação Inclusiva evidenciou a importância de criar, no

ambiente escolar, espaços intencionais de diálogo e reflexão sobre diversidade, acessibilidade e respeito às diferenças.

A Sala Sensorial “Espaço Viver as Diferenças”, articulada à exposição das produções dos estudantes do AEE e ao mural coletivo de percepções, possibilitou trabalhar a educação inclusiva de maneira participativa, aproximando os estudantes de diferentes recursos, formas de comunicação e estratégias pedagógicas.

Os resultados observados indicaram envolvimento dos participantes e manifestações relacionadas ao respeito, à empatia, à acessibilidade e à valorização das diferenças. Também se destacou o protagonismo dos estudantes do AEE, que participaram não apenas como público da ação, mas como sujeitos que produziram, apresentaram e compartilharam conhecimentos.

A experiência demonstrou, ainda, que práticas de sensibilização precisam ser compreendidas como parte de um processo contínuo de construção de uma cultura inclusiva. Uma ação pontual pode desencadear reflexões, mas a consolidação de atitudes inclusivas depende da continuidade das discussões e da transformação das práticas cotidianas da escola.

Outro aspecto importante foi a possibilidade de realização da proposta com materiais acessíveis e recursos de baixo custo. A organização dos espaços, o uso de materiais pedagógicos já disponíveis na escola e a participação colaborativa dos profissionais demonstraram que ações de sensibilização podem ser adaptadas a diferentes contextos educacionais.

Conclui-se que a experiência contribuiu para ampliar o diálogo sobre inclusão e diversidade no espaço escolar e apresentou potencial

para continuidade e ampliação. Recomenda-se que ações dessa natureza sejam incorporadas ao planejamento pedagógico da escola e possam envolver, progressivamente, estudantes, profissionais, famílias e demais integrantes da comunidade.

Mais do que promover uma experiência momentânea, a proposta buscou contribuir para que a inclusão seja compreendida como responsabilidade coletiva, relacionada à garantia de participação, acessibilidade, respeito e valorização das potencialidades de todos os estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMIRALIAN, Maria Lúcia Toledo Moraes. *Compreendendo o cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Brasília, DF: Presidência da República, 2008.

BRASIL. *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a *Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência*. Brasília, DF: Presidência da República, 2015.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, DF: Presidência da

República, 1996.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

NASCIMENTO, Marcelo Krenak Alves do. *Do capacitismo à inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho: o papel da escola e da família neste processo*. *Revista Tópicos*, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.70773/revistatopicos/773211676>. Acesso em: 10 ago. 2026.

QUADROS, Ronice Müller de. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2004.

SILVA, Gleidson Felipe Justino da. *O letramento nas pesquisas sobre a educação de pessoas com deficiência intelectual: um mapeamento dos últimos cinco anos*. *Cadernos da Fucamp*, v. 50, p. 111-128, abr. 2026.

SILVA, L. M. G.; JURDI, A. P. S.; PEREIRA, A. P. S. *Percepção sobre o processamento sensorial em crianças com transtorno do espectro autista: influências de idade, educação familiar e formação profissional*. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 33, e3816, 2025. DOI: 10.1590/2526-8910.ctoAO40393938161.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. *Fundamentos de defectología*. In: VYGOTSKY, L. S. *Obras escogidas V: Fundamentos de defectología*. Madrid: Visor, 1997.

WING, Lorna. *O espectro do autismo: um guia para pais e profissionais*. Porto Alegre: Artmed, 1996.

¹ Especialista em Educação Especial Inclusiva pela Faculdade de Ciências e Educação do Caparaó- FACEC. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

² Especialista em Educação Especial e Inclusiva com ênfase em Deficiência Intelectual e Múltipla pela FAD-Faculdade Dominius. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

³ Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade de Ciência e Educação do Caparaó- FACEC

⁴ Especialista em Educação Especial e Inclusiva Faculdade de Ciência e Educação do Caparaó- FACEC. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

⁵ Especialista em Tradução e Interpretação de LIBRAS e de Língua Portuguesa; Faculdade: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre - FAFIA. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

⁶ Especialista em Educação Especial na Faculdade: Faculdade Prominas. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

⁷ Mestre em Mestre em Tecnologias Emergentes da Educação pela Metropolitan University of Science and Technology - MUST University. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

⁸ Especialista em Educação Especial e Inclusiva com Ênfase em Múltiplas Deficiências pela Faculdade União Brasileira de

Faculdades- UNIBF. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

⁹ Especializada em Educação Especial. Faculdades Integradas de Jacarepaguá. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

¹⁰ Especialista em Transtornos Globais do Desenvolvimento e do Espectro Autista pela Faculdade- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail.](#)

¹¹ Mestra em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

¹² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

¹³ Especialista em Alfabetização e Letramento pela Faculdade de Ciências e Educação do Caparaó- FACEC. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)